

Faz sorrir o que tira o relógio só para nós vermos. O mesmo acontece com a erudição.

ANO V — N.º 139

OUTUBRO

27

1 9 5 7

A Voz do Lulê



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Loulé
Telefone 216

O SR. MINISTRO DO INTERIOR visitou o hospital desta vila

Num curto intervalo dos afazeres que o trouxeram à capital do distrito, o titular da pasta do Interior, sr. Dr. Trigo de Negreiros, deslocou-se a Loulé e, na companhia do respectivo director clínico, Dr. Manuel Cabeçadas, visitou as instalações hospitalares da Santa Casa da Misericórdia desta vila.

Sabemos que o sr. Ministro — cuja vinda teve carácter absolutamente particular — que observou demoradamente o edifício, instalações, arsenal médico cirúrgico e verificou, pelos livros, o movimento hospitalar, ficou agradavelmente impressionado, a pontos de, numa reunião em Faro, ter apontado o nosso hospital e a assistência que ele presta como um exemplo a seguir.

Sua Ex.ª que viu sobre uma mesa um exemplar do número do nosso jornal em que publicámos a entrevista com o Dr. Manuel Cabeçadas, pediu que lh'o cedessem pelo interesse de ficar documentado sobre uma das mais belas instituições hospitalares da provincia.

Se foi agradável, para o Dr. Cabeçadas, ver reconhecido por um membro do Governo a eficiência do hospital que largamente muito lhe deve já em esforço e dedicação, o facto não pode deixar de lisongear os louletanos no seu orgulho legítimo e de servir de incentivo para que ajudem a Santa Casa da Misericórdia para melhor nos valer e ao nosso semelhante em condições cada vez mais largas, mais eficientes e seguras.

A Indústria do Calçado em Loulé

Diz um recente inquérito que o nosso concelho possui 60 oficinas de sapataria, onde trabalham manualmente cerca de 800 operários, vendendo-se as suas manufacturas pelas feiras do País.

Não estão divulgadas aqui as interessantes máquinas de «pontear», «passar» e «acabamento» que, para uma pequena oficina poderiam custar cerca de 40 mil escudos e poderiam ser vistas nas recentes exposições de calçado de Lisboa — em 1956 — e no corrente ano, no Porto.

A rapidez de trabalho é tal que, por exemplo, a sola mais grossa dumas botas, poderão ser cozidas em 4 minutos, se a máquina for accionada manualmente, e em 2 minutos, se ela o fôr mecanicamente.

O preço destas 2 máquinas variava entre 8 mil es-

cudos, no 1.º caso, de 14 mil, no 2.º.

Quere dizer, que pelo preço de um pequeno automóvel, qualquer industrial de sapataria poderia mecanizar asua oficina de calçado, multiplicando muitas vezes a sua produção e, por outro lado, aperfeiçoa o seu produto.

No recente II Congresso dos Economistas e da Indústria Portuguesa também foi discutido o ramo da indústria calçado, cujas conclusões, por interessarem ao nosso concelho, passamos rapidamente a tratar:

1.º — A indústria de calçado encontra-se altamente dispersa com milhares de operários trabalhando em

(Continuação na 3.ª página)

Terreno sobranter

da Caixa Geral de Depósitos

No passado dia 23 foi adjudicado em hasta pública, pela elevada quantia de 270 contos, o terreno que restava dos prédios expropriados para a construção da Caixa Geral de Depósitos nesta vila, na Praça da Republica.

O referido terreno com a área de 330 m2 foi adjudicado ao Sr. Manuel Joaquim Barreiras, pelo maior lance oferecido.

Casa do Algarve

NESTA simpática colectividade iniciam-se no próximo domingo, pelas 16 horas, as actividades festivas da presente época, com uma elegante «Tarde Algarvia» em que colabora uma distinta orquestra.

Foi transferida para o próximo mês, em dia a fixar, a conferência do Dr. Amadeu Ferreira de Almeida sobre turismo italiano.

Dia de Finados

É profundamente triste o dia 2 de Novembro, o dia consagrado aos mortos, dia de meditação e de orações por aqueles que foram nossos entes queridos.

Neste dia, dia de luto e lágrimas, vimos prestar sentida homenagem aqueles corações que já não palpitam, e que na escuridão dos túmulos jazem inanimados e frios, cujos corpos dormem tranquilos na algidez das campas. Só nos resta a consolação de chorar as suas mortes, e, como sempre, neste dia que, de quando em quando o silêncio é quebrado pelo dobre triste das planagens do bronze das torres dos campanários e pelo ciciar de orações, lá vamos ao cemitério, jardim de nós todos, cobrir de flores as campas onde repousam para sempre os corpos dos nossos pais, dos nossos irmãos, parentes e amigos.

É neste dia em que a saudade nos vence e nos é doce senti-la no coração, porque é esta uma das ocasiões em que a nossa alma se espanta para entrar num recolhimento profundo de meditação e de orações. Sentimo-nos pequenos perante a eloquência do dia, em que os nossos mortos estão entre nós, na nossa memória, e em que a tristeza e as lágrimas põem um tom pesado no vasto cenário dos cemitérios.

Neste dia de recordações saudosas não há adulações; há a homenagem de todos junto dos covais, dessa meia dúzia de palmos de terra sagrada, deixando ler nos seus rostos a amargura torturados pela saudade, muito embora saibamos que a morte não é mais do que o começo

(Continuação na 2.ª página)

Bombeiros Municipais

Foi de 15.000\$00 a verba distribuída como subsídio para a manutenção dos serviços de incêndio de Loulé, à Camara Municipal de Loulé, no corrente ano.

Feira Franca de Outubro

Realiza-se nos próximos dias 28 e 29 do corrente a tradicional Feira Franca que, de ano para ano, acentua a sua importância como meio de intercâmbio económico entre as freguesias do concelho e as localidades limítrofes.

Instalação da Escola Técnica

Prosseguem activamente os trabalhos de adaptação do antigo edifício da Escola Conde de Ferreira para ali ser instalada a Escola de Ensino Técnico que foi recentemente criada na nossa vila.

O imóvel ficará assim, em condições de servir nos primeiros anos, para este fim, enquanto se estuda a possibilidade de construir um edifício próprio onde as instalações correspondam ao desenvolvimento e aumento de frequência que se espera.

A Escola Técnica de Loulé

A sua criação foi pedida há quarenta e cinco anos

EVOCAM-SE OS NOMES DE QUANTOS PARA ELA TRABALHARAM PRESTANDO - SE - LHES JUSTIÇA

(Entrevista com o sr. José da Costa Guerreiro)

mente se lhes prestasse justiça, todos os que (alguns deles já falecidos) pelo seu esforço, pela sua palavra ou por qualquer outra manifestação, contribuíram, primeiro para criar ambiente à ideia e depois para tornar realidade palpável a desejada escola profissional ou técnica.

E assim podemos formular a primeira pergunta:

— Quando surgiu, em Loulé, a ideia de se criar aqui uma escola técnica e desde quando começou o município a patrocinar essa criação?

— Em 1912, sendo presidente da Câmara Municipal o sr. Dr. Francisco Xavier Cândido Guerreiro, vice-presidente Manuel Guerreiro Cabeçadas, Vereadores José da Costa Guerreiro, Alexandre João do Nascimento

Santos, Izidoro Rodrigues Pontes, Francisco de Sousa Faisca e Manuel Cristovão de Sousa Vinhas, pelo presidente, ao regressar duma visita à Escola Industrial de Lagos, foi alvitrado que, na primeira oportunidade, uma delegação da Câmara fizesse uma diligência, em Lisboa, junto do Departamento Ministerial respectivo, pedindo a criação, em Loulé, duma Escola Técnica. Pouco tempo depois, o Vice-presidente da Câmara e eu, na qualidade de vereador, acompanha-dos pelo então ilustre Capitão-tenente José Mendes Cabeçadas Júnior, devotado louletano que durante anos viveu e defendeu com carinho os problemas da sua terra, efectivámos a alvitrada diligência que, infelizmente, não foi coroada de êxito, não se podendo, contudo, dizer que a tentativa tivesse sido feita em pura perda porquanto ela teve o mérito de radicar no espírito dos louletanos daquela época e dos que vieram depois, o propósito de pugnar paciente e tenazmente pela conquista de tão importante aspiração. Esta foi, sem contestação alguma, a primeira pedra que se lançou no caminho da longa jornada iniciada, há quarenta e cinco anos, pelos louletanos.

— Depois desta tentativa outras se seguiram, não é verdade?

(Continuação na 2.ª página)

Mais vale tarde...

Maus fados parece terem implicado com a existência da nossa escola Conde de Ferreira. E digo maus fados, para não dizer outra coisa.

Há perto de cem anos que, num cartório da cidade do Porto, era redigido um testamento com a seguinte disposição: «Convencido de que a instrução pública é um elemento essencial para o bem da sociedade, quero que meus testamentários mandem construir e mobilar cento e vinte casas para escolas primárias de ambos os sexos nas terras que forem cabeças de concelho, sendo todas por uma mesma planta e com acomodação para vivenda do professor, não excedendo o custo de cada casa e mobília a quantia de 1.200\$00 reis, e pronta que esteja cada casa será a mesma entregue à junta da paróquia em que fôr construída, mas não mandarão construir mais de duas casas em cada concelho e preferirão aquelas terras que bem entenderem».

Esta é a parte do testamento relativa ao ensino primário, cuja data remonta ao dia 15 de Março de 1866, porquanto a parte restante, envolvendo diversos legados, constitui, conjuntamente à da instrução, uma das mais belas demonstrações de solidariedade humana e de amor pátrio. A própria letra do testamento é já de si uma afirmação de grandeza cívica e de compreensão social, pois numa época em que a nossa instrução roçava pelos setenta e cinco por cento de analfabetos o autor não hesitou em afirmar que a instrução pública era um elemento essencial para o bem da sociedade.

Em frente de tão bela concepção do bem comum parece que tudo se conjugaria para que a obra do Conde de Ferreira não sofresse o mais

leve desaire, quer nos propósitos que orientaram aquele benemérito, quer na eficiência duma obra que só mereceria incentivos. Tal, porém, não tem sucedido, embora aqui e além uma ou outra terra tenha caprichado em ser fiel à memória de um homem que se engrandeceu no trabalho probo e fecundo.

E sem desdouro para

(Continuação na 3.ª página)

QUARTEIRA, a praia de Loulé

IV

Explicada, no número anterior, a razão de ser e os fins prosseguidos com os presentes artigos, observemos no «Quarteira... em retrato» do sr. Presidente da Junta de Turismo, o problema hoteleiro.

Não se compreende muito bem da «comodidade e satisfação em todos os visitantes que frequentam as pensões existentes» quando a seguir se diz que os inspectores do S. N. I. P. apenas atribuíram a uma das pensões, a categoria de «Pensão de 3.ª classe», tendo as outras descido para casas de hóspedes, por não haver escala mais baixa, no capítulo das instalações hoteleiras.

Mas, pondo de parte considerações de carácter dialéctico, vamos O sr. Dr. A. de S. Pontes, sugere, em resumo, três soluções para o problema de Quarteira: Primo: entrar na parte que interessa. Aparenter um Banco ou um capitalista que queira empatar para cima de mil contos na construção de um imóvel visto que o hotel de Albufeira irá custar para cima de 4 mil contos.

Secundo: Mandar os interessados frequentar o curso da Escola de Hotelaria do S. N. I. P. para entrar na distribuição de hotéis que este organismo pensa construir no Algarve.

Tercio: Abrir uma inscrição na Junta de Turismo para os louletanos que queiram subscrever acções duma empresa que pretende construir um hotel em Quarteira.

Ora bem! Antes mesmo de abordar os considerandos relacionados, há uma coisa que a Junta de Turismo já podia ter feito e muito viria contribuir como adjuvante para o problema de «comodidade e satisfação do visitante». Era o de propor à Câmara, a promulgação de uma postura regulamentando as condições mínimas de higiene e conforto que devem exigir-se nas casas a alugar na época balnear.

Por que, alugar casas por 3 e 4 contos, ou seja à razão de 300\$00 e 400\$00 mensais, já obriga a um certo grau de apuramento que poucas casas têm em

Mas até hoje, apesar de há Quarteira.

muitos anos, o signatário já ter feito junto de outros Presidentes das Juntas de Turismo a sugestão de se fazer o arrolamento das casas alugáveis em Quarteira, para veraneantes, tudo continua a fazer-se discricionariamente e quem vem de fora tem de ir, de porta em porta a perguntar se querem alugar a casa. Como tudo está feito no sentido de facilitar a vida aos senhores — isto é os de casa — o banhista alugador não tem a quem recorra para a defesa dos seus interesses e, na generalidade, é explorado.

Há, contudo, estâncias em que a própria Junta de Turismo se encarrega do aluguer das casas e estabelece acordos de preços com os senhores.

(Continuação na 3.ª página)

28 OUT. 1957

«Loulé... em retrato»

Entre os numerosos casos de gripe «asiática» de que o concelho está inçado, ha-de, evidentemente, existir muito caso de gripe «nacional» que passa por estrangeira.

Mas como hoje até nas doenças já há modas, qualquer pessoa que é passiva de um bocadinho de temperatura, recolhe-se ao leito e muito contente, diagnostica: «Já cá está ela»!!!

Não sei onde está a satisfação de ter tido «asiática», mas o que é certo é que tenho verificado que quase todas as pessoas que a sofreram, dizem com certa vaidade e enfase: «já a tive».

Parece que fica bem já a ter tido, ou porque as pessoas julgam que o facto de a ter uma vez, dá a imunidade, ou porque se pensa que é de bom tom, te-la tido, ou porque realmente anda no ar um espírito de internacionalização receptível pela quase totalidade das pessoas: o certo é que há qualquer coisa nessa moléstia que a torna simpática, para muita gente.

Sucede que, à sombra desta calamidade, se cometem alguns delitos, se forjam algumas evasivas ou desculpas para certos actos, se aproveitam casos e factos que, em clima de sanidade normal, se não poderiam praticar.

A «asiática» serve de desculpa para não ir aqui ou ali, para se desculpar de ser isto ou aquilo, de se perder ou ganhar um desafio de futebol e até de pagar uma letra no vencimento.

Os rapazes bendizem a «asiática» que proporciona férias suplementares, umas gemadinhas mais asucaradas, um maior consumo de bolos e chocolates e uns dias sem pegar em livros nem aturar professores.

O convencimento em que muita gente está, de que a «asiática» se evita com o uso de aguardente, tem provocado um consumo exagerado desta bebida, o que dá origem a um desbaste nos stocks, que aliás eram avultados e preocupavam os seus detentores.

Temos ouvido a este respeito muita anedota, porque o momento faz-nos lembrar

o carnaval em que todos se mascararam para dizer, o que, na realidade, pensam dos outros.

Assim, a gripe, tem o condão de desmascarar os que gostam da aguardente, mas levam o ano a mascarar essa secreta preferência.

Dizia-nos, há dias, um amigo do lado da serra, que era preciso que a aguardente fosse de medronho.

Outro da vila, preferia uma bagaceira e até o Parreira da carroça diz que o que é preciso é beber alguma, mesmo que seja «baba de boi».

O que é certo é que a célebre epidemia deixa profundos rastros nas pessoas que a sofrem. Algumas ficam alquebradas por longo tempo, com as faculdades de trabalho bastante reduzidas, outros com dores de cabeça, dores nas costas, e, na generalidade com tosses profundas.

Até a «Voz de Loulé» com a doença do seu editor ficou reduzida a metade no último número e, a avaliarmos pelo que nos dizem, da cobrança de assinaturas, a tosse é muito profunda.

Visitou o nosso Concelho no passado domingo o Ilustre Governador Civil de Faro, que, em reunião conjunta com a comissão política local, Câmara Municipal, Juntas de Freguesia e Regedores, tratou da preparação do acto eleitoral que se avizinha e tudo faz prever que o nosso Concelho se apresentará galhardamente, como sempre, na defesa da política do Estado Novo, que o mesmo é dizer: Pela Pátria e por Salazar!

Reporter X

VENDE-SE

Prédio em Quarteira sítio dos Cavacos — Rua Patrão Lopes n.º 13) composto de casa de habitação — 6 divisões — quintal com poço, tendo anexo um grande armazém que poderá servir para garagem.

Tratar com o sr. Hermenegildo da Piedade — Quarteira ou D. Maria Luisa Albuquerque Rebelo — Sítio de Pinheiro — Loulé.

Dia de Finados

(Continuação da 1.ª página)

de uma outra vida, entrelaçada, confundida nesta hora de meditação e de lágrimas, numa coroa de saudades, a grande máguia, a nossa dor.

Evocamos nesta quadra do ano, o passado, os seres que nos ampararam e guiaram os nossos primeiros passos e agora jazem inanimados, desfeitos, irreconhecíveis. Nós fomos para eles a alegria, a sobrevivência do amor. Eles lá estão e nós ainda andamos por cá, até que, dando a fatal volta da vida iremos fazer-lhes companhia.

Morreram como havemos de morrer também e viveram como nós vivemos ainda. Já não são para nós senão recordações saudosas neste dia triste, altamente eloquente na sua singeleza muda do vasto cenário do cemitério, onde se encontram dissimulados, por aqui e por ali, os leitos mortuários.

E sobre este panorama, a saudade, a tristeza, o luto, as lágrimas a caírem sobre as campas onde ardem também algumas luzes, que exprimem o ardor da fé de quem vive ainda.

Augusto C. Bolotinha

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

Ginginha e Eduardino

das Portas de Santo António

as melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

STAND de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33 LOULÉ

EMPREGADA

De preferência com prática de cabeleireira.

Nesta redacção se informa.

A Escola Técnica de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

— Sim, podemos afirmar que, com raras excepções, todas as vereações que se seguiram à de 1912, umas mais do que outras, conforme as circunstâncias, procuraram insuflar vida à ideia, diligenciando materializá-la. Apraz-me citar aqui os nomes de bons louletanos que presidindo a vereações constituídas por homens de boa vontade e de indiscutível louletanismo, tiveram sempre presente a velha aspiração dos seus conterrâneos: António Martins Sancho, David Evaristo d'Aragão Teixeira, Dr. José Joaquim Soares, José Claudio da Silva Mendes, Manuel Guerreiro Pereira, Coronel Manuel de Sousa Rosal Junior e Dr. Maurício Serafim Monteiro. Aos mortos que aqui cito presto as minhas mais sentidas homenagens de saudade com os vivos me congratulo.

Passado o rápido momento de emoção que se notou ao citar alguns destes nomes, perguntámos ao sr. José da Costa Guerreiro qual o facto ou factos que mais teriam contribuído, durante esta longa jornada, para a criação da nossa Escola.

— Salvo melhor opinião e abstraindo a acção que a minha pessoa, por ventura, tivesse tido dentro do problema em consequência da função que desempenhava, parece-me que o que mais decisivamente influiu perante as instâncias oficiais, imprimindo-lhe um forte espírito de justiça, foi o seguinte facto e o que dele derivou: Em princípios de Fevereiro de 1945, a vereação da minha presidência, constituída pelos vereadores José Ribeiro Ramos, Sebastião Rodrigues Marques, José da Conceição Francez e Anibal Dias da Silva, homens a cuja lealdade e camaradagem indifectíveis presto as minhas homenagens, ao ter conhecimento de que se ia reformar o ensino técnico imediatamente deliberou convidar o Ex.º Sr. Director Geral do Ensino Técnico, Dr. António Carlos Prouença de Figueiredo, a quem tinha sido cometido o encargo da dita reforma, a deslocar-se a Loulé para *in loco*, verificar as razões da nossa pretensão, estudando os problemas do nosso artesanato e meio comercial. Os elementos aqui colhidos por Sua Excelência foram de molde a que a sua reforma, transformada em lei pelo Decreto n.º 36.400 de 1 de Julho de 1947, incluisse a Vila de Loulé no número de Cidades e Vilas onde se previa a criação de Escolas Técnicas. Poderá concluir-se, pois, que este Decreto foi, por assim dizer, o programa que o Governo estabeleceu e tem vindo a executar com relação à criação destas escolas. Com esta minha conclusão não quero afirmar que foi inútil a luzida e prestigiosa embaixada de louletanos ilustres e outras personalidades de alta categoria que, em dado momento, se dirigiram a Sua Ex.ª o Sr. Ministro da Educação Nacional, solicitando a criação da Escola em Loulé; longe de mim tal ideia porque estou, sinceramente, convencido de que a sua presença, além de evidenciar a

vitalidade duma terra, ela teve, por ventura, o mérito de pela sua grande influência abreviar a consecução do que se pretendia. Loulé ficou-lhes por esse facto a dever-lhes serviço inestimável.

Prosseguindo nas diligências que vinham sendo feitas desde 1945, algum tempo depois da publicação do decreto que reformou o Ensino Técnico a que me referi, o então presidente da Câmara, o Ex.º Sr. Dr. Aires de Lemos Tavares, acompanhado pelo Ex.º Sr. Dr. José António Madeira, apoiado já, certamente, na previsão que a reforma estabelecia para a criação de escolas, se dirigiram ao Departamento Ministerial respectivo e ali pediram, instantaneamente e com o entusiasmo, próprio de quem solicita um acto de justiça, que o Governo, ao iniciar a execução do programa estabelecido pela reforma, tomasse na devida conta a velha pretensão da Câmara Municipal de Loulé.

Nesta altura o nosso entrevistado afirmou mais: que sempre que as vereações da sua presidência tiveram de tratar do problema junto das entidades oficiais, encontraram a seu lado a valiosa e dedicada colaboração do ilustre e prestigioso louletano Dr. José António Madeira e, corroborando a sua asserção, esclarece que a última diligência feita junto do Ex.º Sr. Ministro da Educação Nacional e a que presidiu o Ex.º Sr. Dr. Maurício Monteiro, que lhe sucedeu na presidência do Município, estava quase preparada, de acordo e sob a orientação daquele nosso conterrâneo. E acrescenta:

— Como subsídio para a história da nossa escola, recordarei ainda, se a memória não me atraiçoar, que houve um momento na vida política da nossa terra em que a Escola Técnica poderia, talvez, ter sido uma realidade em Loulé e não em Silves. Aí por 1916 / 1917, quando a influência eleitoral de Loulé era decisiva nas eleições de deputados no círculo do Algarve, tivessem querido os políticos que disfrutavam, nessa época, da influência do poder, jogar o trunfo que tinham nas mãos, preocupando-se mais com o progresso da terra e menos com as questões de predomínio pessoal, a jornada da nossa escola teria sido menos longa e os políticos de então que eram, sem dúvida alguma, devotados louletanos, teriam deixado os seus nomes ligados a uma obra meritória, compensadora dos enormes sacrifícios materiais e morais a que os submetia a política de então.

Quase a terminar, o nosso entrevistado declarou que, como o propósito que o anima, é o dar o seu a seu dono, praticaria falta sem desculpa, se esquecesse, nesta citação de factos e pessoas, o nome dum louletano que, durante parte desta longa jornada caminhou, entusiasticamente, a par das vereações, prestando-lhes não só os serviços que por dever do seu cargo lhe competiam mas também aquele dinamismo e dedicação próprios dum colaborador que sempre se apaixonou pelas iniciativas das vereações quando elas tendiam ao progresso de Loulé. Esse nome é o do Sr. Raul Rafael Pinto, antigo chefe da secretaria da Câmara, hoje desempenhando na nossa terra outras funções de relevo.

Esta nossa entrevista encerrou-a o sr. José da Costa Guerreiro, concluindo —:

Parece-me que informei a VOZ DE LOULÉ de tudo quanto ela carecia para a história davelha aspiração dos louletanos e para que inteira justiça seja feita a todos que, por dever de cargo e de consciência, se esforçaram para arealizar. E terminando, endereço, na oportunidade que o vosso jornal me proporciona, a sua Excelência o Sr. Ministro da Educação Nacional, um dos mais brilhantes ornamentos do Governo de Salazar, os humildes agradecimentos dum indefectível louletano que durante 45 anos se bateu, sem desfalecimentos, pela pretensão a que Sua Excelência acaba de conceder plena e justa satisfação.

Fica assim arquivada, nas nossas colunas, a história da nossa escola técnica e que bem atesta a persistência dos louletanos e mostra a vantagem do espírito de unidade que deve congraçar-los sempre que se trate de um benefício — material ou moral — para Loulé.

A história, porém continua, agora na tarefa não menos insana, de instalar, de forma satisfatória, o novo estabelecimento escolar.

Coube agora a vez ao nosso particular amigo José João Pablos cujo entusiasmo e dedicação a este problema são o traço de união entre as lutas do passado e as glórias do futuro.

Estas dependem agora da nossa juventude que, pela aplicação e entusiasmo, podem fazer da nossa escola técnica a «celula-mater» do largo desenvolvimento industrial que Loulé fica com possibilidades de atingir.

VENDEM-SE

Diversas propriedades em Salir, que foram de Artur Andrade. Tratar em Salir com Maria Teixeira de Andrade ou José Cavaco.

Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

em banheiras, louças sanitárias e outras

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Azulejos brancos a \$85

JOÃO DE OLIVEIRA

Av. Marçal Pacheco — Loulé

SEMPRE

Que deseje efectuar os seus seguros

Consulte:

Maria Madeira Cavaco Pereira

Av. Marçal Pacheco, 31-1.º LOULÉ

Que lhe proporcionará as mais vantajosas condições de seguros autorizados em Portugal em todos os ramos e todas as modalidades.

Não compre

Mobílias ou adornos

para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

(antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ

MOBÍLIAS ~ ESTOFOS ~ TAPEÇARIAS

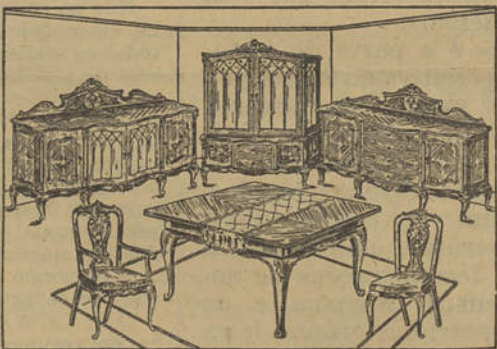
Agente do famoso produto

SYNTECO

(que resolve o problema do encerramento periódico)

Preços fora da concorrência

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa



Quarteira, a praia de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

Na generalidade, tem havido sempre da parte da Junta de Turismo de Quarteira, uma inclinação para a defesa dos interesses dos naturais que nos parece não corresponder bem ao significado de fazer turismo, isto é, facilitar a atracção dos que vêm de fora.

Abordando o problema hoteleiro propriamente dito, recapitulamos: *Primo*: Não nos parece feliz a ideia de pedir a indicação de um «Banco ou de um capitalista que construa hotéis».

Os Bancos ou capitalistas, podem estar na disposição de atender a Junta de Turismo, o seu Presidente ou qualquer Quarteirense ou não Quarteirense, que por si, ou organizados em empresa legalmente constituída e oferecendo as necessárias garantias recorram ao financiamento que se lhes solicite.

O que é preciso é haver ordenação nas coisas, porque beneméritos como o sr. Vinhas Cabrita não caem do céu, ainda que se façam muitos apelos.

O que há necessidade é de estudar, estruturar a constituição de uma empresa que, com os seus lucros, atraia capital pela rentabilidade que lhe ofereça, ou contrair um empréstimo a longo prazo com o acordo da Câmara e o seu aval e construir a própria Junta de Turismo o imóvel, cuja exploração se alugaria depois.

E pode o sr. Presidente da Junta, dizer-nos o que é já se fez nesse sentido?

Pois se há até um indivíduo que tem um projecto que satisfazia plenamente as exigências de Quarteira, que se deslocou a Lisboa, com o sr. Dr. Maurício Monteiro, para trocar impressões com o arquitecto encarregado do Plano de Urbanização e contra isto se levantou uma montanha de dificuldades e más vontades, justiça seja feita, não pela parte da Junta de Turismo, mas porque o interessado não era uma pessoa simpática pessoalmente!

Secundo: Seria realmente recomendável que a Junta promovesse ou incitasse a frequência de naturais de Quarteira ou de Loulé no curso da Escola de Hotelaria que o S. N. I. P. vai abrir, dado que será aí que se irão recrutar os futuros criados de mesa, administradores e gerentes dos hotéis, que o mesmo organismo pensa criar nas Praias do sul, como se diz, mas isso só por si não resolve o problema.

A Junta de Turismo é que devia ir já preparando uma exposição documentada sobre o valor de Quarteira, como centro de turismo no coração do Algarve, acessível a todo o Baixo Alentejo, abundante de fruta e de boa água, preferida por uma grande área de população rural e urbana, com condições de ser favorecida pela facilidade de desenvolvimento urbano derivado do baixo custo dos materiais de construção e tudo o mais que possa exemplificar a nossa Praia como candidata número um, a esse grande benefício turístico que o S. N. I. P. tem em vista com a construção de hotéis.

Tertio: Diz-nos o sr. Presidente da Junta que está aberta uma inscrição, para os louletanos (porque será só para louletanos?) que queiram subscrever acções duma empresa que pretende construir um hotel em Quarteira.

Gostaríamos de ver o programa ou plano dessa empresa, para ver os fins que se propõe, as condições de vida e segurança que oferece, as garantias que proporciona ao capital que pretende realizar e podemos desde já assegurar que, se for aceitável, não dizemos, modelar, a perspectiva, dentro da humildade das nossas forças, subscreveremos com algum capital.

Mas, se se trata só de inscrição sem plano nem base, sem estudo nem orçamento, não nos interessa porque é ideia frustrada, de antemão condenada ao malogro, porque só denuncia espírito de propaganda abstrata.

Estamos prontos para colaborar em tudo o que se nos peça para engrandecer Quarteira, para ajudar sem compensações nem interesses o seu progresso e desenvolvimento, não queremos mal aos senhores membros da Junta, não pretendemos estabelecer polémicas jornalísticas mas pedimos e exigimos que se faça obra visível, palpável e duradoura.

R. P.

Propriedades

Vendem-se 2 propriedades no sítio da Nave (freguesia de Alte), com boa terra de semear, alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras, figueiras, etc..

Pom motivo de ausência do proprietário, tratar com Amadeu Pedro da Cruz — Loulé.

MAIS VALE TARDE...

(Continuação da 1.ª página)

quem quer que seja, não será quezilento referir o caso do Loulé, onde uma escola Conde de Ferreira, provida de dois lugares (duas escolas, para o caso) foi, durante muitos anos, a candeia que iluminou gerações sucessivas. Não será demais citar alguns nomes dos que por aqui passaram como alunos, entre eles Duarte Pacheco, José António Madeira, Guerreiro Murta, a par de outros, filhos da Terra, cuja existência marcam figuras de relevo social, quer no passado, quer no presente. Toda a geração do velho professor Cabrita aqui se formou, honrando o mestre e honrando-se a si própria.

Se um testamento não fosse já de si um documento respeitável, tão respeitável que um simples desvio que atração os seus fins é causa de anulação, bastaria todo esse passado da nossa escola Conde de Ferreira para termos por ela o respeito das coisas veneráveis.

Vem isto a propósito da rota que as coisas tomaram diante do problema escolar na nossa terra. A certa altura caiu um mau olhar sobre este estabelecimento de ensino: foi dado uor incapaz. Depois de algumas vicissitudes, converteu-se em «Toca do Coelho» — uma tasca de sabor carnavalesco — para logo a seguir ser adaptado a mercearia... e outras coisas quejandas. Não oferecia segurança como escola, mas estava firme que nem uma rocha para tudo mais!

Não vale a pena esmiuçar factos, nem está nos nossos propósitos assacar responsabilidades seja a quem for. Estas, se não recaíssem em parte sobre inconscientes, chegariam para perturbar o sono de certos indivíduos. Façamos, porém, de conta que tudo se passou sob um clima de boas intenções, sem propósito de molestar fosse o que fosse, aquele clima que vota ao abandono todas as coisas velhas, mal adaptadas às realidades práticas. Estávamos assim em presença do castigo de ser velho!

E a nossa escola velha, mas resistente, suspirava, de certo modo, por uma fada que passasse e lhe tocasse com a varinha de condão, aliás teria de permanecer votada a todas as afrontas. Como a Providência é grande!... A fada apareceu com a sua varinha, uma varinha que se chama Escola Industrial e Comercial de Loulé. Cessou a incapacidade; a sua fronteira vai ser lavada; os telhados vão ser remendados; os soalhos, substituídos. O verniz que se lança sobre as madeiras vai fazer desaparecer, certamente, aquele cheiro a «toca de coelho» e a manteiga rançosa que já ia penetrando por toda a parte.

O que é preciso é que tudo se faça sem esquecer o nome do Conde de Ferreira, ainda que seja numa simples pedra, para que a escola, que outrora foi ninho de tantas esperanças, volte a ser luz radiante no cabo tormentoso da vida, e para que as futuras gerações saibam que em pleno século dezanove houve um homem honrado que afirmava: «a instrução pública é um elemento essencial para o bem da sociedade» — a quem coube o título de Conde de Ferreira. Gil Brasino

Furgoneta

Por motivo de retirada para o estrangeiro, vende-se uma furgoneta utilitária marca *Taurus*, série 19, em estado nova.

Nesta redacção se informa.

A Indústria de Calçado em LOULÉ

(Continuação da 1.ª página)

regime domiciliário, para vários patrões, ao mesmo tempo que trabalham poucas fábricas total ou parcialmente mecanizadas. Desta estrutura resultam concorrências desordenadas, quer em qualidade quer em preços.

2.º — A indústria precisa de organização e disciplina para poder progredir, tendo o Grémio Nacional dos Industriais de Calçado elaborado já um estudo que foi presente ao Senhor Ministro da Economia. Urge que se promulguem as medidas aí sugeridas para que a indústria possa, de facto, alcançar prosperidade e prestígio.

3.º — Os mercados ultramarinos podem e devem ser preenchidos pela indústria metropolitana, que aí deve concorrer com calçado de boa qualidade, adaptado às condições do clima, às exigências da vida local, às tendências da moda, etc. Para isso devem exigir-se garantias de idoneidade aos exportadores, abolir ou suavizar os direitos de exportação, facilitar as transferências bancárias, baixar os fretes nos barcos portugueses e tomar providências contra a concorrência estrangeira, sobretudo asiática, infiltrável por Macau.

4.º — O calçado português, de fabrico manual, já desfruta de grande fama em certos mercados estrangeiros, dificilmente podendo ser superado em elegância e preço, pelo que convém estimular a sua exportação mediante propaganda adequada.

5.º — A indústria carece de escolas técnicas para moldadores, cortadores e outras categorias, bem como de um centro de estudo que encare os grandes problemas de produtividade e racionalização da montagem.

A longa tradição desta indústria no nosso concelho (contra 30 oficinas mecânicas de calçado de S. João da Madeira, Loulé possui 60 oficinas manuais), parece justificar que na Escola Industrial de Loulé seja dada satisfação a este voto do mencionado Congresso das Indústrias, para que a indústria do calçado louletano passe da fase do trabalho domiciliário, incipiente, para uma fase mais progressiva, que trará as consequências imediatas a valorização do trabalho do operário.

Não menor será a valorização da capacidade industrial e comercial de Loulé, cujas organizações bancárias devem estudar em profundidade este problema.

Loulé precisa de responder à crítica daquele vizinho sambranzense que estranhava não haver na nossa Vila qualquer indústria de valor económico comparável ao da indústria da cortiça... o que tem o seu fundamento pelo que se lia no *Jornal do Algarve*, de 12 do corrente mês de Outubro: as contribuições industrial e predial pagas em média por cada habitante dos concelhos algarvios, era o que a seguir se descremina, em relação a 1950:

Faro, 157\$00; Vila Real de Santo António, 157\$00; Portimão, 136\$90; Olhão, 125\$00; Lagos, 105\$60; Lagoa, 85\$20; Alportel, 75\$25; Vila do Bispo, 66\$50; Tavira, 65\$30; Albufeira, 59\$00; Silves, 55\$45; Aljezur, 55\$45; Loulé, 53\$80; Castro Marim, 43\$70; Monchique, 42\$80; Alcoutim, 30\$70.

A. S. Pontes

LEIA!
ASSINE!
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

Transportes de Carga Louletana, L.ª



Largo Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

Ecos de SALIR

No passado dia 7, realizou-se na Igreja Matriz desta freguesia o casamento da menina Adelaide Simões Gordinho, filha do sr. José Joaquim Gordinho e da sr.ª D. Alice Simões Gordinho, residente nesta localidade, com o sr. Manuel Rocha, empregado na E. V. A. Ld.ª, filho do sr. Manuel Rocha e da sr.ª D. Francisca Maria, residente no sítio do Monte do Poço, desta freguesia.

Apadrinharam o acto por parte da noiva as sr.ªs D. Maria Guerreiro Dias e D. Julia Louro Afonso e por parte do noivo os sr.ªs José Guerreiro Duarte Cavaco e José Guerreiro Martins.

Ao novo casal que vai fixar residência em Silves, enviamos os nossos parabéns.

António Valentim, de 9 anos de idade, filho de Maria José Valentim, viúva, residente nesta localidade, quando pretendia dar fogo a uma bomba de foguete esta rebentou-lhe na mão esquerda esfacelando-a, assim como aos dedos.

Foi conduzido ao hospital de Loulé onde recebeu tratamento, e ficou internado.

O Correspondente

Ecos do AMEIXIAL

Realizou-se há dias no salão grande anexo à Igreja desta freguesia, uma sessão de propaganda eleitoral da União Nacional presidida pelo sr. José João de Ascensão Pablos, Presidente da Câmara, que era ladeado pelo sr. Dr. Aires de Lemos Tavares, Presidente da Comissão Concelharia da União Nacional, Rev. sr. P. Joaquim Fernandes Moreira, Prior desta freguesia, Dr. Correia, Presidente da Junta de Freguesia e senhor Regedor.

Falou em primeiro lugar o Rev. Padre Moreira, que se referiu ao dever que todos temos de votar no próximo dia 3 de Novembro, e às necessidades materiais mais urgentes da freguesia.

Falou em seguida o sr. Dr. Aires, que aconselhou todos os eleitores a votar no próximo dia 3, para que possa continuar a grande obra de Salazar, e lembrou o grande prestígio que o nosso país hoje goza no estrangeiro.

A seguir falou o sr. José João de Ascensão Pablos, Presidente da Câmara, que lembrou aos eleitores, o dever de votar no próximo acto eleitoral para continuação da Grande obra de Salazar, que é de paz e prosperidade.

A assistência que enchia completamente a sala, ouviu com muita atenção todos os oradores.

15-10-57

Augusto Teixeira

?

Não se interroque

Sempre que necessite de trabalhos tipográficos em qualquer género, deve confiar-lhes à **Gráfica Louletana — Loulé**

»

Máquinas modernas

Tipos novos e elegantes

Meticulosa execução

Dr. Lélío Marques

Médico Estomatologista

Interno dos Hospitais

DOENÇAS DA BOCA E DENTES

CIRURGIA ORAL

Consultas no Hospital da Santa Casa da Misericórdia

De manhã — todos os dias úteis

De tarde — 3.ª, 5.ª e Sábados, das 16 às 19 h.

CORAGEM MORAL

(Continuação da 4.ª página)

É preciso mostrar coragem moral nas atitudes que aparecem na vida de todos os dias.

É preciso mostrá-la, patentear a todos energia firme ante o perigo.

Sim, é nas horas más, nos momentos perigosos, nos «bocadinhos» difíceis, que um «homem corajoso» revela aos olhos dos estranhos, dos amigos e dos parentes, quem é, o que vale, com quem se pode contar, e qual a tempera do seu carácter.

É nos transe difíceis, amargos mesmo, com saúde ou não, que esse precioso atributo — a coragem moral — se deve mostrar mais que nunca. Assim, não faz sentido que os melhores cumpridores dos altos deveres de civismo e humanidade, os que seguem os puros princípios, as boas normas da civilidade e fraternidade, sofram, às vezes, as consequências de procedimentos que aviltam quem os pratica, a pretexto de coisas mínimas e insignificantes.

Através dos tempos, mau grado nosso, a natureza humana não tem evitado destas anomalias.

É da máxima conveniência, lutar por demover, estes escolhos que, o transviado género humano vem espalhando na face deste planeta.

Malefícios herdados dos seus ancestrais e refinados até algumas vezes, por não quererem, á viva força, fazer um verdadeiro exame de consciência.

É indispensável, formar um forte elo, que neutralize os seus maus efeitos, e a verdade pura e imortal, possa seguir avante para uma humanidade melhor no seu todo.

E a finalizar direi as palavras do filósofo que o sol beijou ao nascer — «a coragem moral, é sobretudo o apanágio das almas de eleição».

F. D.

VENDE-SE

UMA CASA com frente para a Avenida Marçal Pacheco e Rua Eng. Duarte Pacheco, com 6 divisões e armazém.

Tratar com José Águas Pereira — LOULÉ.

Ao comércio

Contabilista, monta, segue e actualiza escritas em atrazo, balanço, assistência técnica, etc..

Informa Rua Martim Farto, 30 — LOULÉ.

Propriedade

Vende-se uma propriedade no sítio do Areiro (Loulé) com muito arvoredor.

Recebem-se propostas em carta fechada reservando-se o direito de não aceitar caso não interesse.

Dirigir correspondência para Herdeiros de Manuel Martins Entrudo — Estação de Alcantaral.

Empregada

Precisa-se, para consultório.

Tratar na Rua Joaquim Nunes Saraiva, 37 (Rua do Tribunal) das 13 às 15 horas.

SE DESEJA

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de JOSÉ DE SOUSA PEDRO

Rua 5 de Outubro, 29

LOULÉ

A Voz de LOULÉ

Folhas de Férias

Impressos em modelo exigido
por Lei, vendem-se na

Gráfica Louletana

LOULÉ



II DIVISÃO

FARENSE, 3

ESTORIL, 1

Disputou-se no domingo a 7.ª Jornada do Campeonato Nacional da II Divisão, tendo o Farense recebido a visita do Estoril, ao qual venceu por 3 bolas a 1.

FARENSE — Isaurindo; Reina, Ventura e José Maria; Vieira e Bento; Armando, Francelino, Tarro, Ralito e José Bento.

ESTORIL — Brandão; Bata-lha, Albino e Fernando; Mota e Amaro; Rui Peixoto, Andrade, Martins e Uriá.

O jogo desenrolou-se nos dois meios campos notando-se, porém, da parte do Farense um maior domínio de bola e avançadas mais perigosas. Aos 18 minutos, Ralito, de longe, atirou as redes do Brandão que, dada a sua má colocação, não pôde evitar que o esférico transpuzesse a linha de goal, por alto, junto à trave. Aos 22 minutos Andrade igualou o marcador, para aos 39 minutos Armando, num potente pontapé, alterasse o marcador para 2 bolas a 1, resultado com que terminou a 1.ª parte.

No segundo tempo ambas as equipas procuraram modificar o resultado e só aos 38 minutos Francelino, recebendo um passe de Tarro anichou a bola nas redes do Estoril, vindo-se Armando a concluir esse tento.

Tarro, avançado-centro do Farense, há bastante tempo desejado, não correspondeu às expectativas do público, segundo se supõe, por se ter magoado num treino. Vamos ver se de futuro, procurará modificar a opinião formada pela maioria dos seus adeptos, o que se espera.

Não distinguimos nomes por julgar que todos eles cumpriram mais ou menos.

O Olhanense empatou no Montijo, 0-0, e o Portimonense perdeu em Évora com o Juventude por 2-1.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	J	V	E	D	P
Farense	7	6	—	1	12
Portimonense	7	5	—	2	10
Olhanense	7	4	1	2	9
Atlético	7	4	1	2	9
Montijo	7	3	2	2	8
Arroios	7	4	—	3	8
Desp. Beja	7	4	—	3	8
Coruchense	7	3	2	2	8
Juventude	7	2	3	2	7
F. C. Serpa	7	3	—	4	6
Montemor	7	2	1	4	5
Almada	7	1	1	5	3
Estoril	7	1	1	5	3
Portalegrense	7	—	2	5	2

JOGOS PARA DOMINGO

Arroios - Juventude, Almada-Montijo, Estoril-União de Montemor, OLHANENSE - Desportivo de Beja, Portalegrense-FARENSE, PORTIMONENSE - Atlético, e Serpa-Coruchense.

J. G.

Foi mantido o preço do álcool industrial

Um despacho do sr. ministro da Economia mantém para a nova campanha o preço do álcool industrial, puro e desnaturado, a saber: álcool puro, no depósito, 12\$25; no retalho, 12\$95; álcool desnaturado, no depósito, 10\$20; no retalho, 10\$90.

—x—x—x—x—x—x—x—

Emigração

Salvo algumas excepções, não pode ser passada autorização para emigrar a indivíduos de mais de 14 anos e menos de 35 que não possuam, pelo menos, o exame da 3.ª classe.

—o—o—o—o—o—o—o—

Foi autorizada

a lançar uma derrama a Câmara Municipal de Faro

Para encargos hospitalares e respectiva assistência, foi autorizada a Câmara Municipal de Faro a lançar uma derrama, pela taxa de 4% aos contribuintes gerais do Estado do mesmo conceito, mas apenas por um ano e cumulativamente com aquelas contribuições.

Notícias pessoais | CORAGEM MORAL!

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Outubro:

Em 20, os srs. Dr. Armando Rocheta Cassiano, Victor Mendonça Viegas e a sr.ª D. Maria Francisca dos Santos Cavaco.

Em 22, as meninas Maria Bernardete de Matos Ruas e Lizete Dionísio Bota Passos, residente em Angola, as sr.ªs D. Albertina de Campos Guerreiro e D. Idalina Coelho Matos Lima e os srs. Dr. Manuel Rodrigues Correa e João de Sousa Dias, residente em Lisboa.

Em 23, a sr.ª D. Maria Genoveva Viegas de Sousa Lopes e as meninas Maria Rosa Serafin Campina e Aura Maria Rodrigues Laginha Ramos.

Em 24, a menina Célia Maria Rodrigues Anastácio e a sr.ª D. Maria da Conceição do Nascimento Caeiro e o sr. Francisco Manuel Bota Inês.

Em 26, o menino José Pedro Marques da Costa Rocheta e a menina Maria Manuela Jocelyne Morais de Azevedo.

Em 28, a sr.ª D. Maria José Cachola Guerreiro, e os srs. Manuel Maria Filipe Bartolomeu e João dos Santos Martins, residentes na Venezuela.

Em 29, o menino Manuel Francisco Gonçalves Guerreiro e a sr.ª D. Zélia Maria Sousa Correia.

Em 30, a sr.ª D. Maria Manuela Belmarço Rocheta.

Em 31, osr. Daniel Farrajota Costa.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Na companhia de sua esposa, sr.ª D. Assunção Maria da Costa Fernandes, esteve na nossa redacção o nosso conterrâneo e prezado assinante em Lisboa sr. Dr. José Fernandes Mestre.

— Vimos nesta o distinto advogado sr. Dr. Marreiros Neto, residente em Portimão.

— De visita a sua família e a «matar saudades» da terra natal, encontra-se entre nós o sr. Lázaro Afonso Romão, nosso prezado assinante no Canadá.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. Manuel de Mora Féria, nosso prezado assinante em Alhos Vedros.

— Para junto de seu pai, seguiu de avião para Sidney (Austrália) o nosso conterrâneo sr. Sérgio Carapeto Corpas.

— Partiu para Lisboa, onde vai fixar residência, o nosso conterrâneo sr. Joaquim José Raminhos.

ALEGRIAS DE FAMILIA

— Num quarto particular do Hospital de Faro, teve a sua «delivrance», no pretérito dia 16, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Izidra Rocha Contreiras Valente Cantante, esposa do meretíssimo Juiz de Direito em Santa Cruz da Graciosa (Açores), sr. Dr. Joaquim Augusto Valente Cantante e filha do conceituado comerciante da nossa praça sr. António Francisco Contreiras.

Aos felizes pais e avós endecamos as nossas felicitações, com votos sinceros de longa e próspera vida para a recém-nascida.

CASAMENTO

— Na Igreja dos Anjos, em Lisboa, onde os pais da noiva casaram e ela foi baptizada, foi celebrado, no passado dia 23, o casamento da sr.ª D. Maria José Marques da Costa Rocheta, filha muito gentil do nosso querido amigo e illustre conterrâneo, Dr. José Isidro Farrajota Rocheta e da sua esposa, a sr.ª D. Maria Luísa Cordeiro Marques da Costa Rocheta, com o sr. Francisco Bullosa, filho do conhecido industrial sr. Manuel Córdo Bullosa e da sr.ª D. Alice da Graça Pina Lopes Bullosa.



AGRADECIMENTO

A família de Sebastião Anjo dos Santos na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de nomes, vem por este meio testemunhar a sua profunda gratidão a todas as pessoas que de qualquer forma exteriorizarem os seus sentimentos de pesar e às que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

Foram padrinhos, por parte da noiva, sua avó paterna, sr.ª D. Rosa de Brito Farrajota Rocheta e o avô materno do noivo sr. Coronel Francisco de Pina Esteves Lopes, antigo Ministro das Finanças.

Presidiu ao acto e celebrou Missa «Pro Sponso e Sponsa», o Rev. Padre Dr. Sezinando de Oliveira Rosa, nosso estimado conprovinciano e distinto Secretário Geral da Acção Católica, que, no final, dirigiu aos noivos uma brilhante alocução.

Durante a cerimónia ouviu-se ao órgão daquela igreja, alguns trechos de música alusiva ao acto.

Depois da cerimónia foi servido no luxuoso Hotel Aviz um finíssimo copo de água a mais de 300 convidados.

Aos noivos, merecedores da nossa mais viva simpatia, desejamos as maiores e mais duradouras felicidades.

— No pretérito dia 13 de Outubro, realizou-se em Serpa, na Igreja de Santa Maria, o enlace matrimonial do nosso conterrâneo e prezado assinante sr. José Calçada da Silva, conceituado comerciante danossa praça, filho do sr. José Pedro Santos Silva (falecido) e da sr.ª D. Juliana Calçada da Silva, com a sr.ª D. Maria da Encarnação C. Palma, premdada filha do sr. António Baptista da Palma e da sr.ª D. Bárbara da Encarnação Costa Palma.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, seu irmão sr. António Calçada da Silva, considerado comerciante em Serpa e a sr.ª D. Maria José Costa Palma, professora oficial, e por parte da noiva a sr.ª D. Maria Joana de Oliveira Varela Crujeiro e o sr. José Francisco Cruz Crujeiro, proprietário.

Finda a cerimónia foi servido um fino «copo de água» em casa dos pais da noiva.

Ao novo casal endereçamos as nossas felicitações, com votos de uma vida conjugal plena de venturas.

FALECIMENTO

Como consequência de complicações originadas pela «gripe asiática», faleceu nesta vila no pretérito dia 9 do corrente o comerciante desta praça sr. Sebastião Anjo dos Santos.

O extinto que era muito conhecido e considerado nesta vila, contava 60 anos de idade, deixava a sr.ª D. Alice Favião Campos, era pai dos sr. Sebastião dos Santos e da sr.ª D. Alice da Conceição dos Santos e sogro da sr.ª D. Maria da Luz Morgado.

A família enlutada endereçamos a expressão do nosso sentido pesar.

Dr. Brito da Mana

De Paris, onde, como bolseiro, está fazendo parte de um curso de assistência social frequentado por representantes dos mais diversos países (Afganistão, Vietnã, Israel, Sudão, Turquia, Grécia, Polónia, Checoslováquia, Jugoslávia, Itália, Dinamarca, Holanda, Alemanha, Bélgica, França, Brasil, Suíça, etc.) deu-nos o prazer das suas notícias, o nosso velho amigo e conterrâneo, Dr. Joaquim de Brito da Mana, illustre director da delegação do Instituto Maternal em Faro.

LUTO no Mando Feminino

Faleceu no dia 24 em Montecatini, estância termal do norte da Itália, o grande ditador da moda feminina Cristian Dior.

Durante 10 anos, este embaixador da moda, que era diplomado em Ciências Políticas, criou um nome e uma auréola de fama, no mundo da alta costura, que só fora igualado pelo outro costureiro, também já falecido Jacques Fath.

Servidor de rainhas, princesas e milionárias os seus figurinos criaram renome mundial e proporcionaram-lhe aquela fama que, assegurava aos seus produtos, um preço especial por ser «Dior» e lhe permitiu conseguir uma organização comercial hoje ramificada por diversos países e que se dedica a vários ramos de acessórios femininos como meias, luvas, jóias, perfumes e calçado.

É um dever, um descargo de consciência, cultivar conhecimentos para os transmitirmos ao nosso semelhante que disso mostre ignorância.

Ora, sem um persistente estudo das boas normas, de forma alguma poderemos viver em verdadeira civilização.

Sem um exemplar aperfeiçoamento moral, não podemos caminhar com utilidade perfeita no meio social em que vivemos.

Por mais sabedor que um individuo seja, terá de se educar estudar sempre para não ficar incivilizado e ignorante; e não depurando os seus melhores sentimentos não perderá o complexo de uma inferior moralidade.

Alguns homens só se mostram amigos de outrem, por interesse, e enquanto a amizade lhes não der sombra de prejuízo ou incómodo.

Isto chega, a ponto tal, que nem as pessoas da família, de grau mais próximo, escapam a este mau procedimento.

Nascem daqui atitudes egoístas que dispensam todas as considerações.

A melhor maneira de proceder desses individuos, seria, para evitar o erro, procurar o esclarecimento da razão, para que a resposta, a quem de si se aproximasse, tivesse menos probabilidades de denunciar um índice baixo de sentimentos e cheio de acubições impróprias do género humano.

Não basta dizer, sim ou não, sem medir as consequências futuras.

(Continuação na 2.ª página)

Escutismo e Filatelia

Movimento de educação juvenil com larga expansão em todo o mundo, o Escutismo teve há pouco, no Jamboree realizado em Sutton Park, Inglaterra, a sua apoteose. Cerca de 500 rapazes, representando os sete milhões e meio que em 70 países do orbe envergam o mesmo uniforme, comemoraram festivamente o centário do nascimento do fundador, lord Baden Powell of Gilwell, e o cinquentário da primeira experiência prática escutista por aquele efectuada.

Muitos dos países onde o Escutismo atingiu maior desenvolvimento, associaram-se com entusiasmo às comemorações. Além das numerosas delegações enviadas ao Jamboree, fizeram emissões especiais de selos, dedicadas ao acontecimento, as quais vêm enriquecer bastante a filatelia temática escutista, que já contava com elevado número de séries.

Desejando tornar mais conhecidos alguns desses selos, recentes e antigos, promove o Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António, da Associação dos Escuteiros de Portugal, uma Exposição Bibliográfica e de Filatelia Escutista, na qual, simultaneamente, poderão ser apreciadas muitas das publicações escutistas que circularam e circulam pelo mundo, algumas constituindo autênticas raridades da bibliografia do género.

A Exposição, que conta com o patrocínio do jornal «Sempre Pronto» e do Clube Filatélico de Portugal, decorre de 1 a 8 de Dezembro nas salas da Delegação do Clube Náutico de Portugal.

VENDE-SE

Uma propriedade sita em Vale Lobos (freguesia de Almandil) com figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras e vinha.

Tratar na Sapataria Garrocho — Loulé.

Escola Comercial e Industrial

DE LOULÉ

AVISO

Torna-se público que as provas escritas do exame de admissão à Escola Industrial e Comercial de Loulé realizam-se nos dias e horas a seguir mencionadas:

Dia 29 de Outubro:

Redacção 9 horas

Ditado 10 horas e 30 minutos

Dia 30 de Outubro:

Desenho 9 horas

Aritmética e Geometria 10 h. e 30 minut.

As provas aludidas realizar-se-ão no edificio da Escola Primária situada junto ao Bairro Municipal.

Esclarece-se que haverá provas orais e que constarão do seguinte:

a — Leitura e análise ideológica de um trecho simples (10 minutos);

b — Interrogatório sobre noções muito sumárias de História e Geografia de Portugal (10 minutos);

c — Interrogatório sobre Aritmética e Geometria.

Todos os esclarecimentos serão prestados na Secretaria da Câmara Municipal, onde se encontra patente um aviso com as instruções respeitantes ao assunto, incluindo o material que deve acompanhar os examinandos.

Loulé, 24 de Outubro de 1957

O Presidente da Câmara

José João Ascensão Pablos

O homem do dia

Estas filmagens que durarão quatro dias, terão a sua continuidade na CURIA, devendo técnicos e artistas regressar a Lisboa no final do corrente mês, afim de filmarem os interiores.

Tomarão parte nestas filmagens, além do protagonista ALVES BARBOSA, os artistas MARIA DULCE, ELITA MARTOS, ROSINDA ROSA, MÁRIO PEREIRA e CAMILA DE OLIVEIRA.

Seguiram também o Director de Produção ALBERTO RIBEIRO, o Chefe de Produção LUIZ MIRANDA, o operador JOÃO MOREIRA, e os técnicos TERESITA MIRANDA, ANTONIO PIRRONI, AGUIAR DE OLIVEIRA, BOURDAIN DE MACEDO, AMÉRICO PATELA, VICTOR COSTA, além de figurantes e do pessoal auxiliar da TOBIS PORTUGUESA.

O HOMEM DO DIA

É o primeiro filme português de grande metragem filmado em MAGNASCOPE.

João Caetano de Sousa Leal, Limitada

TRESPASSA-SE a SECÇÃO DE RETALHOS DESTA FIRMA

Por falecimento de um dos sócios e por outro não poder estar à frente das Secções de Retalho e Atacado.

Casa com mais de 50 anos de existência e bem localizada. Dão-se facilidades de pagamento.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal ou António de Sousa Leal.

Menos casamentos

no ano de 1956

O número total de casamentos celebrados, (65.894) é o mais baixo desde 1948, assim como taxa de nupcialidade (7,47) que é a mais baixa desde 1944. A taxa de dissolução dos casamentos é a mais alta depois de 1950, para o que contribuiu principalmente as dissoluções por morte.

Em 1956 registaram-se 208.331 partos, dos quais 206.211 simples e 2.120 gemilares, estes representados por 2.102 duplos, 17 triplos e 1 quádruplo.

Sempre

Que V. Ex.ª pretenda adquirir:

Sedas — Lãs — Algodões — Malhas — Meias — Camisas — Peugas — Sombrias — Malas — Panos brancos — Chapéus, etc., etc..

Não deixe de visitar o estabelecimento de

José Calçada da Silva

R. Vice-Almirante Cândido Reis (Rua do Tribunal)

LOULÉ

CINEMA

Filmes a exhibir durante esta semana no Cine Teatro Louletano.

Dia 27 — Alexandre, O Grande.

Dia 28 — Chegou a Tua Hora e Fernando Criado.

Dia 31 — Talismã..

Dia 3/XI — Mulherzinhas.

Dia 4 — Sangue Cigano.

Dia 7 — O Cigano.